

“Meninos do Cruzado” festejam na madrugada

Brasília — O consultor-geral da República, Saulo Ramos, manifestou na madrugada de ontem um estranho desejo:

— Eu até que queria ser motorista de táxi — disse rindo aos seus colegas de virada de noite, os chamados “meninos do plano cruzado”: Luiz Carlos Mendonça de Barros, Pérsio Arida e André Lara Resende, diretores do Banco Central, e Francisco Lopes, da Sepplan.

O grupo estava sentado ao redor de uma mesa, em frente a uma pintura da Lagoa Rodrigo de Freitas, no restaurante mais freqüentado pela Nova República: o Flarentino. Todos comemoravam o final de semana de trabalho intenso, que resultou no Plano de Metas do governo José Sarney e num novo pacote econômico, para viabilizar o Plano Cruzado. Saulo Ramos, que chegou depois dos outros, não demorou muito para explicar seu desejo:

— É que os motoristas de táxi são os que mais ganharam dinheiro com as novas medidas econômicas. Pagarão empréstimo compulsório sobre a compra de gasolina e álcool, mas poderão aumentar as suas tarifas. Em compensação, não pagarão empréstimo compulsório sobre a compra de novos táxis. Só pagarão este empréstimo quem comprar carros de passeio — disse.

Os “meninos do plano cruzado” ouviram, enquanto a maioria saboreava pratos de carne — um produto que desapareceu há quase um mês da maioria das mesas do país. Chico Lopes, que começou o jantar dizendo que não fala de economia depois da meia-noite (e a esta altura já era uma hora da madrugada), entusiasmou-se com o filé:

— Foi a falta de carne que prejudicou o Plano Austral da Argentina. Mas no Brasil isso não vai acontecer.

Se os argentinos sofreram sem carne, o governo brasileiro, com o novo pacote, sofrerá com a viagem do presidente José Sarney a Buenos Aires, no final desta semana. “Tanto o presidente, quanto todos aqueles que forem com ele à Argentina, em missão oficial, pagarão empréstimo compulsório sobre as passagens e a compra de dólares”, disse Saulo Ramos. “Não vamos abrir exceção para ninguém”, complementou Pérsio Arida, referindo-se às exceções abertas pelo governo Geisel, da última vez que esse tipo de empréstimo compulsório foi adotado.

Saulo Ramos será um dos integrantes da comitiva presidencial que participará do encontro de Sarney com o presidente argentino Raúl Alfonsín e da assinatura de um acordo para criar um minimercado comum no Cone Sul. “Vocês sabem por que eu vou a Buenos Aires?”, perguntou ele aos companheiros de mesa. “Eu vou

porque os argentinos querem saber como os brasileiros conseguiram levar adiante um plano cruzado sem ter problemas de ordem jurídica.

Chico Lopes, sentado num canto da mesa, com jeito de tímido (ele disse, no meio da conversa, que não gosta de ser alvo de atenções, o que é difícil de acontecer justamente no restaurante mais badalado de Brasília), não estava mais preocupado com as contas do governo. Estava querendo ter a certeza de que o objetivo do novo pacote fosse bem interpretado.

— Não queremos desaquecer a demanda. Isto seria um retrocesso. E nós queremos ir para a frente. Ou seja, nosso objetivo é aumentar a poupança privada, porque o governo perdeu a sua capacidade de poupar e estamos com uma grande dívida interna — disse.

Ele explicou ainda que a outra maneira de poupar seria obter mais recursos externos, mas isso só faria com que aumentasse a dependência externa do Brasil, coisa que a Nova República, ao romper com o Fundo Monetário Internacional, não admite. “Temos de elevar a taxa de investimento de 17 pontos percentuais dentro do PIB para 21”, disse.

— É melhor conseguir recursos para investimento com os empréstimos compulsórios do que com o aumento de preços. Até porque o pessoal que não gasta não estava aplicando a sua poupança em atividades produtivas — concluiu.

Depois de pedir a sobremesa — profiteroles para alguns e morango com chantilly para outros — o grupo se levantou para ir embora, mas deu de cara com dois dos principais assessores do ministro da Fazenda, que estavam em outra mesa: João Manoel Cardoso de Melo e Luiz Gonzaga Belluzzo. “Fiquem, tomem um poire com a gente”, pediu João Manoel.

Saulo Ramos não aceitou e saiu do restaurante arrastando o grupo dele. Ainda na porta, antes de entrar no seu carro oficial, ele abriu a pasta — repleta de papéis — e despejou tudo no capô: “Está tudo aqui. Decretos, projetos, e o que você quiser”, disse ele.

Pérsio Arida — o único com cara de bem acordado — chegou por último, animadíssimo com o **pró-rata**, sua especialidade. Ele explicou que o governo devolverá os empréstimos compulsórios sobre a compra de álcool e gasolina pela média dos gastos: se João gastou em três anos 6 litros de álcool e Pedro, 24, o governo somará as duas quantidades e dividirá por dois. Tanto João quanto Pedro receberão o equivalente ao que teriam gasto se tivessem comprado 15 litros, cada qual. “Mas quem se sentir prejudicado, pode juntar as notas fiscais e reclamar”, disse Pérsio Arida, antes de entrar no carro.